

**A POSIÇÃO DE ‘LÁ’ NA PROJEÇÃO NOMINAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA O MAPEAMENTO
DA ESTRUTURA FUNCIONAL⁴¹**

Bruna Karla Pereira (UFMG)

brunaufmg@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Estudos desenvolvidos por Martellota e Rêgo (1996) e Greco e Vitral (2003) mostram que o advérbio ‘lá’ pode se realizar com propriedades outras, além do valor dêitico, no português brasileiro. Uma destas propriedades é a indefinidade, como ilustram os seguintes exemplos:

- (1) a. “Vendi o terreno [...] pra um camarada lá” (Greco; Vitral, 2003, p. 6).
b. Vendi o terreno pra um camarada qualquer.
- (2) a. “a médica lá que tava olhando ela falou que o menino tava morto” (Greco; Vitral, 2003, p. 7).

Para Martelotta e Rego (1996, p. 244), em sentenças como estas, ‘lá’ “assume uma função de modalizador, no sentido de que expressa um afastamento ou desinteresse do falante em relação ao assunto em discussão”. Assim, “o falante utiliza a partícula ‘lá’ para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários” (Martellota; Rêgo, 1996, p. 244).

Por sua vez, Greco e Vitral (2003) ensaiam uma elaboração mais descritiva, classificando ‘lá’ em (1a) como indeterminado, porque “aparece com a função de reforçar a ideia de indeterminação” oferecida pelo artigo indefinido ‘um’⁴² (Greco; Vitral, 2003, p. 11) e

⁴¹Parte deste trabalho foi apresentada em comunicação individual no *II Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*, que transcorreu entre os dias 13 e 15 de maio de 2009, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT), em Uberaba (MG). Entretanto, o artigo não foi submetido à publicação em anais do evento. Portanto, o presente trabalho é inédito, fruto de tese de doutorado que está sendo desenvolvida pela autora deste artigo na UFMG.

⁴² A redação original deste fragmento é: “aparece com a função de reforçar a ideia de indeterminação já oferecida pelo pronome ‘um’” (Greco; Vitral, 2003, p. 11, grifos nossos). Em relação a este fragmento, dois pontos devem ser reavaliados: (a) ‘um’ não é pronome, mas artigo indefinido, o que justifica a re-elaboração feita no presente artigo; (b) acreditamos que o conceito

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

porque pode ser substituído por um pronome indefinido, como em (1b). Diferentemente, 'lá' em (2a) é classificado como determinado, pois aparece juntamente com o artigo definido, capaz de indicar "que se trata de um ser/objeto já mencionado pelo falante" (Greco; Vitral, 2003, p. 7).

Contudo, estes estudos não desenvolvem uma descrição formal de 'lá' nestas sentenças. Assim, com base no seguinte quadro teórico (*seção 1*) e em uma proposta de aplicação deste quadro para a análise da posição dos demonstrativos e locativos (*seção 2*), levantaremos uma hipótese para a descrição de 'lá' nas sentenças (1) e (2) (*seção 3*). Além disso, destacaremos evidências sintáticas e semânticas na direção de se considerar (1) e (2) como pertencentes a um mesmo padrão descritivo, direção contrária, portanto, da tipificação "lá determinado" *versus* "lá indeterminado" proposta por Greco e Vitral (2003).

O MAPEAMENTO DA ESTRUTURA FUNCIONAL

A estrutura funcional da sentença tem sido amplamente investigada nos estudos de abordagem gerativa. Em Chomsky (1999, p. 32), as categorias funcionais admitidas são CP, TP, DP e AgrP.

Além destas categorias, segundo proposta de Cinque (1994, 1999, 2002), tanto a projeção verbal quanto a projeção nominal parecem apresentar uma arquitetura funcional mais rica e mais complexa. Assim, o autor reconhece projeções funcionais outras, tais como modalidade, modo e aspecto e, além disso, subdivisões de algumas destas, por exemplo, o aspecto pode ser habitual, celerativo, retrospectivo etc.

Conforme definido por Laenzlinger (2002), esta vasta gama de projeções funcionais proposta por Cinque (1999) pode ser inserida em três domínios que representam, respectivamente, as diferentes camadas do CP (VORFELD), o espaço entre o verbo auxiliar e o

mais apropriado não seria o de "indeterminação", mas de "indefinitude", conforme será explicado nas considerações finais.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

verbo principal (MITTELFELD), e a concha vP (NACHFELD), como delineado abaixo:

ForceP>Top>FocP>TopP> FinP>MoodP> ModP> NegP> TP>AspP1>AspP2>vP>VP
VORFELD | MITTELFELD NACHFELD

Destacaremos agora duas evidências que justificam o mapeamento dos vários núcleos funcionais. A primeira, segundo Cinque (2002, p. 4), é oferecida

by the inventory of functional (more traditionally, 'grammatical') head morphemes of the languages of the world. This evidence offers a direct insight into the label of the functional categories which are expressed grammatically, as well as into their number and order.⁴³

A segunda evidência é o acionamento de outros dispositivos para a realização fonológica das categorias funcionais como, por exemplo, os advérbios:

Much as inflectional morphology, functional particles, and auxiliaries were [...] considered to be the overt manifestation, in head format, of the functional portion of the clause, AdvPs [...] could be seen as the overt manifestation of the same functional distinctions in specifier format (Cinque, 2004, p. 683)⁴⁴.

Para explicar esta correlação entre núcleos de categorias funcionais e advérbios, Cinque (1999) chama atenção para a correspondência entre a natureza e a ordem dos núcleos funcionais e a natureza e a ordem dos AdvPs. Observemos, por exemplo, as partículas 'a', para aspecto progressivo, 'de' para aspecto durativo e 'a' para aspecto habitual da língua crioula (Cinque, 1999, p. 59) em (3). Estas partículas oferecem evidências para a ordem dos núcleos funcionais representada em (4):

(3) Shi a aalweez/neva de a sing. (Gibson 1986, 582ff)

⁴³“pelo inventário de núcleos funcionais (mais tradicionalmente, 'gramaticais'), realizados como morfemas, nas línguas do mundo. Esta evidência oferece um *insight* direto sobre o conjunto das categorias funcionais que são expressas gramaticalmente e também sobre o número e da ordem delas” (Cinque, 2002, p. 4, tradução nossa).

⁴⁴“Assim como a morfologia flexional, as partículas funcionais e os auxiliares foram considerados manifestação explícita, no formato de núcleo, da porção funcional da oração, AdvPs [...] puderam ser vistos como manifestação explícita das mesmas distinções funcionais, porém, no formato de especificador” (Cinque, 2004, p. 683, tradução nossa).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

she HAB always/never DUR PROG sing

'She usually always/never keeps singing.'

(4) ... Aspect habitual > Aspect durative > Aspect progressive > V

Da mesma forma, observou-se que os AdvPs também obedecem a uma ordem, sendo que os pragmáticos precedem os avaliativos (5), os avaliativos precedem os evidenciais (6), os evidenciais precedem os epistêmicos (7), etc. Por isso, a hierarquia destes AdvPs pode ser representada em (8) (Cinque, 1999, 33-34):

(5) **Honestly** I am **unfortunately** unable to help you.

* Unfortunately I am honestly unable to help you.

(6) **Fortunately**, he had **evidently** had his own opinion of the matter.

*Evidently he had fortunately had his own opinion of the matter.

(7) **Clearly** John **probably** will quickly learn French perfectly.

*Probably John clearly will quickly learn French perfectly.

(8) frankly > fortunately > allegedly > probably ...

Com base neste tipo de evidências, Cinque (1999, p. 106) conclui que cada classe de advérbio corresponde a especificadores de diferentes núcleos funcionais, de acordo com a “hierarquia universal das projeções funcionais”:

(9) [*frankly* Mood_{speech act} [fortunately Mood_{evaluative} [*allegedly* Mood_{evidential} [*probably* Mod_{epistemic} [*once* T(Past) [*then* T(Future) [*perhaps* Mood_{irrealis} [*necessarily* Mod_{necessity} [*possibly* Mod_{possibility} [*usually* Asp_{habitual} [*again* Asp_{repetitive(I)} [*often* Asp_{frequentative(I)} [*intentionally* Mod_{volitional} [*quickly* Asp_{celerative(1)} [*already* T(Anterior) [*no longer* Asp_{terminative} [*still* Asp_{continuative} [*always* Asp_{perfect(?)} [*just* Asp_{retrospective} [*soon* Asp_{proximative} [*briefly* Asp_{durative} [*characteristically*(?⁴⁵) Asp_{generic/progressive} [*almost* Asp_{prospective} [*completely* Asp_{SgCompletive(I)} [*tutto* Asp_{PtcCompletive} [*well* Voice [*fast/early* Asp_{celerative(II)} [*again* Asp_{repetitive(II)} [*often* Asp_{frequentative(II)} [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}

Além de AdvPs, APs também podem ser vistos como especificadores de projeções funcionais que se localizam entre o DP e o NP. Segundo Cinque (1994, p. 96), a ordem e a natureza dos adjetivos possibilitam a aferição da seguinte hierarquia:

⁴⁵ Os pontos de interrogação são mantidos como no original (CINQUE, 1999, p. 106).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(10)poss.> cardinal> ordinal> quality> size> shape> color> nationality.

Neste contexto, importa ressaltar que a teoria dos especificadores funcionais (Cinque, 1999; Laenzinger, 2002), diferentemente da proposta de adjunção (Ernst, 2007), é capaz de explicar, a partir da configuração Spec-Núcleo, a checagem de traços do núcleo pelo AdvP. Esta configuração, diferentemente da adjunção, dá visibilidade à correspondência estabelecida entre especificador e núcleo.

Além disso, a teoria dos especificadores funcionais é capaz de prever uma hierarquia de projeções funcionais como definido em (9) e (10). Diferentemente, na teoria dos adjuntos, é esperado que os AdvPs sejam adjungidos livremente às projeções funcionais. Esta adjunção livre, porém, não parece estar de acordo com as evidências translinguísticas de uma ordenação rígida das projeções funcionais aferida por Cinque (1999) em exame minucioso de várias línguas.

Em suma, uma lente de aumento posta sobre a análise das categorias CP, TP e DP mostra que outras projeções funcionais se evidenciam não somente a partir de afixos, verbos irregulares e partículas dependentes, que ocupariam a posição de núcleo, mas também a partir de advérbios, adjetivos e demonstrativos, que ocupariam a posição de especificador.

A POSIÇÃO DOS DEMONSTRATIVOS E LOCATIVOS NA PROJEÇÃO NOMINAL ESTENDIDA

Em trabalhos recentes sobre a arquitetura do DP, destacamos o de Brugè (2002), que faz uma análise dos demonstrativos como especificadores de uma categoria funcional.

Segundo Brugè (2002, p. 42), o demonstrativo é gerado na posição de especificador de uma projeção mais baixa do que as projeções funcionais que contêm adjetivos. Além disso, a projeção que contêm o demonstrativo domina imediatamente o NP. Então, o demonstrativo é gerado em uma categoria (FP) que se situa entre o DP e o NP. Esta análise foi feita, inicialmente, com dados do espanhol, como em (11), mas foi posteriormente comprovada como uma ordem que se aplica translinguisticamente.

Vejamos então os dados de (11) (Brugè, 2002, p. 15):

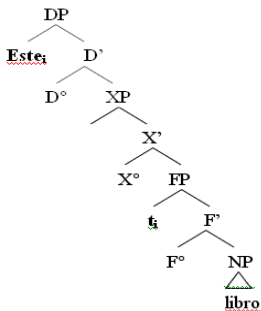
Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

(11)a. **Este** libro

b. El libro **este**,

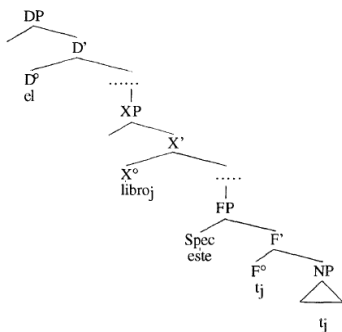
Para Brugè (2002), tanto o demonstrativo pré-nominal quanto o pós-nominal são gerados na mesma posição. (11a') é uma representação de (11a) (Brugè, 2002, p. 18):

(11a')



Neste caso, o demonstrativo pré-nominal se moveu de Spec de FP, posição de base, para Spec-DP a fim de checar traços [+R] do determinante. Quanto ao demonstrativo pós-nominal (11b), o que ocorreu foi o movimento do núcleo nominal para uma posição acima de FP, enquanto o demonstrativo permaneceu na base, em Spec-FP, conforme representação (11b') (Brugè, 2002, p. 17):

(11b')



Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A evidência arrolada a favor da mesma posição de base para demonstrativo pós-nominal e pré-nominal é a posição do locativo (Brugè, 2002, p. 25):

(12)a. El libro **este de aquí** está mal hecho.

The book this of here is badly made.

b. **Este** libro **de aquí** está mal hecho.

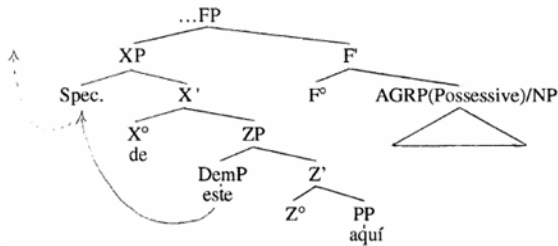
This book of here is badly made.

Para Brugè (2002, p. 42), demonstrativo e locativo estabelecem uma relação de predicação, que forma um único constituinte (com núcleo preposicional). Isto ocorre porque o locativo tem a função de apenas reforçar o valor dêitico do demonstrativo:

In fact, the interpretation of the DP does not change if the locative is present or absent: the information expressed by *este libro* 'this book' and by *este libro de aquí* 'this book of here' are the same." (Brugè, 2002, p. 25)⁴⁶.

Sendo assim, a sequência complexa “demonstrativo + locativo” (*este de aquí*) ou o locativo apenas (*de aquí*) aparecem em FP na mesma posição ocupada pelo demonstrativo pós-nominal, conforme a seguinte representação (13) da estrutura interna de Spec-FP (Brugè, 2002, p. 27):

(13)



Assim, quando o demonstrativo se move, o locativo permanece na posição de base onde este complexo é gerado. Esta é, portanto,

⁴⁶Com efeito, a interpretação do DP não muda se o locativo está presente ou ausente: a informação expressa por *este libro* 'this book' e por *este libro de aquí* 'this book of here' é a mesma." (Brugè, 2002, p. 25, tradução nossa).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

a evidência arrolada para justificar o fato de que tanto demonstrativo pré-nominal quanto pós-nominal são gerados na mesma posição.

Em suma, para Brugè (2002), o locativo se situa na posição de especificador de FP, posição onde também o demonstrativo é gerado. Adiante, discutiremos a aplicabilidade da proposta da autora para ocorrências de ‘lá’ na projeção nominal.

HIPÓTESE DESCRITIVA PARA ‘LÁ’ NO DP

Seguindo a proposta de Brugè (2002) para os locativos, observa-se a aplicabilidade de sua análise em ocorrências do português como:

(14) Vendi o terreno para **aquele** camarada **lá**.

(15) **Aquela** médica **lá** que tava olhando ...

Nestes casos, a presença do locativo “lá” é também opcional, tratando-se apenas de um reforço dêitico. Por isso, ‘lá’ poderia ser localizado na mesma posição de ‘aquí’ em (13).

No entanto, as sentenças (1a) e (2a), repetidas abaixo:

(1) a. “Vendi o terreno [...] pra **um** camarada **lá**” (Greco; Vitral, 2003, p. 6).

(2) a. “**a** médica **lá** que tava olhando ...” (Greco; Vitral, 2003, p. 7)

trariam problemas se pretendêssemos estender a elas a mesma análise dada a (14) e (15). Em (1a) e em (2a), ‘lá’ não reforça um valor dêitico (fórico), referencial e pontual do referente, mas atua em efeito contrário.

Prova disso é que (14) e (15) podem ser parafraseadas por (14a) e (15a), em que “lá” também apresenta valor fórico:

(14) a. Vendi o terreno para aquele camarada que estava lá.

(15) a. Aquela médica que estava lá e que tava olhando...

Diferentemente, o mesmo tipo de paráfrase não é válido para (1a) e (2a), pois o distanciamento de “lá” do NP provocaria uma perda do seu valor indefinido em favor do valor fórico (locativo), como se vê em (1a’) e em (2a’):

(1) a’. Vendi o terreno pra um camarada que estava lá.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(2) a'. A médica que estava **lá** e que tava olhando ...

Assim, devido a propriedades sintáticas, como adjacência de 'lá' indefinido ao NP, e a propriedades semânticas, como o traço [-definitude], não se pode estender a análise de Brugè (2002) para "lá" indefinido na estrutura do DP.

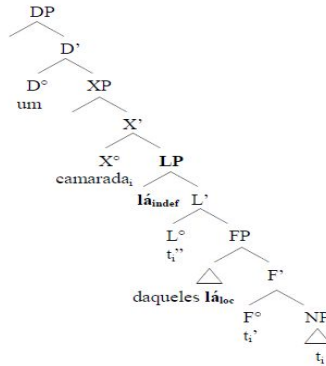
Apesar disso, a análise da autora para os demonstrativos traz alguns *insights*, pois se percebe que este "lá" indefinido, ao contrário de ocupar a mesma posição do demonstrativo, parece ocupar uma posição mais alta, que c-comanda o demonstrativo. Vejamos:

- (1) b. Vendi o terreno pra um camarada **lá** [daqueles].
c. Vendi o terreno pra um camarada **lá_{indef}** [daqueles **lá_{loc}**].
- (2) b. A médica **lá** [daqueles] que tava olhando ...
c. A médica **lá_{indef}** [daqueles **lá_{loc}**] que tava olhando ...

Em (1b) e em (2b), "lá" co-ocorre com o demonstrativo e o precede. Na verdade, ele segue o nome e a ele está adjacente. Sua relação com o nome é muito mais efetiva do que sua relação com o demonstrativo. Isto parece indicar que: (i) "lá" indefinido não ocupa a mesma posição do demonstrativo, portanto, não é gerado nesta mesma posição e (ii) "lá" indefinido ocupa uma posição imediatamente acima de FP, pois se antepõe não só ao demonstrativo, como mostram (1b) e (2b), mas também ao complexo "demonstrativo + locativo", como mostram (1c) e (2c).

Assim, a precedência de "lá_{indef}" ao complexo "demonstrativo+locativo" e o fato de o especificador da categoria FP já estar ocupado pelo demonstrativo seriam indícios de que "lá" deve ocupar espaço em uma outra categoria funcional acima de FP, a qual designaremos LP, conforme representação (16) na sequência. Portanto, a partir das evidências fornecidas por (1b,c) e 2(b,c), "lá" indefinido não parece ocupar a mesma posição descrita para os locativos, conforme análise de Brugè (2002).

(16)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na exposição feita acima, observa-se que “lá” indefinido tanto em (1a) quanto em (2a) parece revelar o mesmo comportamento sintático (interno ao DP; posposto e adjacente ao NP e anteposto ao complexo “demonstrativo+locativo”) e o mesmo traço semântico [-definido]. Assim, mesmo quando o nome é precedido por artigo definido, “lá” atua no sentido de não especificar ou não delimitar o referente.

Esta constatação tem duas consequências: primeira, parece possível fornecer a mesma descrição para (1a) e (2a), sendo talvez desnecessária uma classificação diferenciada, como aquela proposta por Greco e Vitral (2003), entre “lá indeterminado” e “lá determinado”; segunda, a propriedade semântica mais apropriada não seria “indeterminação”, mas “indefinitude”, pois, mesmo em (2a), em que o NP é precedido por artigo definido, ‘lá’ não determina semanticamente o substantivo ‘médica’, ao contrário, exerce a mesma função de indefinição referencial presente em (1a).

Finalmente, ressaltamos a pertinência de uma descrição formal para as diferentes realizações de ‘lá’ no PB. No presente estudo, formulamos uma hipótese descritiva para ‘lá’ indefinido. Com base nesta descrição, identificou-se uma categoria funcional (LP) com traços de [-definitude] localizada entre o DP e o NP. Portanto, assim

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

como a identificação de LP parece ser uma contribuição para o mapeamento da arquitetura funcional do DP, outras realizações de 'lá' podem contribuir para o mapeamento da arquitetura funcional da sentença⁴⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUGÈ, L. The positions of demonstratives in the Extended Nominal Projection. **In:** CINQUE, J. (ed.). *Functional Structure in DP and IP: The cartography of Syntactic Structures*, Oxford; New York: Oxford University Press, 2002, p. 15-53.

CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Lisboa: Caminho, 1999.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

———. Evidence for Partial N-movement in the Romance DP. **In:** CINQUE *et alli.* (eds.). *Paths towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard S. Kayne*. Georgetown University Press, Washington, 1994. p. 85-110.

———. Mapping Functional Structure: A Projetc. **In:** ——. (Ed.). *Functional Structure in DP and IP: The cartography of Syntactic Structures*, Oxford; New York: Oxford University Press, 2002, p. 3-11.

ERNST, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. *Lingua*, n. 117, p. 1008–1033, 2007.

GRECO, D.; VITRAL, L. O advérbio LÁ e a noção de gramaticalização. 2003, 15f. Monografia de IC. UFMG, CNPq.

LAENZLINGER, C. A feature-based theory of adverb syntax. *GG@G (Generative Grammar in Geneva)*, n. 3, 2002, p. 67-105. Disponível em:

<http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/Volume3/laenzlingerGG@G.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2008.

⁴⁷ Por exemplo, em dados como “Eu lá ia fazer um bolo” (“Eu estava indo fazer um bolo”) e “Calma! O menino lá vai” (“Calma! O menino já vai”), evidencia-se que ‘lá’ realiza as projecções funcionais: aspecto imperfeito e aspecto proximativo no domínio sentencial.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

MARTELOTTA, M.; RÊGO, L. Gramaticalização de *lá*. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, cap. 10, p. 237-250.